

O programa da rádio « **La vie comme elle va** » com Pierre Hadot foi ao ar em **23 de março de 2003** pela France Culture .

Narrador:

La vie comme elle va.

...

Hoje estamos falando de cuidado de si.

“Aquele que não fala com um homem, não fala com um homem. Quem não fala com o homem, não fala com ninguém.”

Antonio Machado.

É para nós, para cada um de nós, que os filósofos da antiguidade falam. Para nos ensinar a viver, para nos ensinar sobre a eternidade, para nos ensinar a ler, para nos ensinar a morrer.

Na história da filosofia antiga, é claro, todo esse aprendizado é cuidado de si. Mas deveríamos estar falando de transformação, transfiguração e auto transcendência, porque não se trata apenas da estética da existência.

O que está em jogo aqui hoje, por meio desses exercícios espirituais, que o filósofo Pierre Hadot nos apresenta, como professor honorário do Collège de France.

É a paz de espírito, um senso de consciência cósmica e liberdade interior. Um programa e tanto nesses dias tumultuados. Ficamos juntos até as 16h30min.

Francesca Piolo | 03:27.633

Então, Pierre Hadot, estamos sempre felizes em tê-lo aqui, porque, como diz o prefácio deste livro, Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga, você é um dos... Não precisamos do prefácio para saber que o senhor é um dos maiores historiadores do pensamento antigo de nosso tempo. E então dizemos, ha, ha, ha, ha, você encolhe os ombros, não concorda?

Pierre Hadot | 03:48.967

Bem, ninguém pode realmente dizer isso.

Pierre Hadot | 03:53.252

O prefácio também diz que você é um grande filósofo.

Pierre Hadot | 03:57.854

Sim, como eu disse em outra ocasião, fico feliz quando me dizem que sou um filósofo, mas tenho de me lembrar do que Epiteto disse, que **você nunca deve dizer que é um filósofo. O máximo que se pode dizer é que você é um escravo no caminho da libertação.**

Francesca Piolo | 04:21.072

E você se liberta por meio de exercícios espirituais, Pierre-Hadot?

Pierre Hadot | 04:24.057

Estou tentando, mas não sou um primor.

Francesca Piolo | 04:28.041

Você acha que podemos adotá-los, os exercícios espirituais?

Pierre Hadot | 04:31.549

Ah, acho que sim. E mesmo recentemente, estive em contato com... Psiquiatras que estão interessados em exercícios espirituais. Porque **agora há um movimento chamado terapia cognitiva, que é inspirado na filosofia estoica**. Em outras palavras, **esses psiquiatras estão tentando analisar os erros de julgamento que estão na raiz dos problemas psicológicos**. Portanto, acho que, no final das contas... Estamos voltando, basicamente, não é nada extraordinário, aos exercícios espirituais, acho que em todos os tempos e em todos os países, nós os praticamos, mas talvez tenhamos nos esquecido um pouco disso em nossa civilização, mas basicamente, estamos voltando.

Francesca Piolo | 05:46.146

Para você, é uma descoberta que está ligada a um problema estritamente literário, isso é que é interessante, ou seja, há uma aparente incoerência de certos filósofos. E dentro dessa incoerência, você tem outra ideia, você...

Pierre Hadot | 06:01.713

Sim, sim, é... Basicamente, nós... Sempre nos surpreendemos com o fato de... Em primeiro lugar, as contradições que podem ser encontradas nos diálogos de Platão, ou ainda mais nos tratados de Aristóteles, e depois, em toda parte, e em toda a literatura antiga. De fato, uma das fontes de meu pensamento foi uma reflexão de Henri-Irénée Marrou, o grande especialista em Agostinho, há 40 anos, que falou sobre as inconsistências que são tão aparentes nos escritos de Agostinho.

E ele escreveu em seu livro sobre Santo Agostinho, que Santo Agostinho escreve mal. E depois escreveu um livro chamado Rétractation, um pequeno livro suplementar. E depois ele corrigiu, disse que não, **se Agostinho parece escrever mal, é porque ele não expressa uma teoria para informar as pessoas. Mas ele as obriga a fazer um exercício espiritual, ou seja, ele as obriga a seguir um itinerário para que, pouco a pouco, elas descubram uma verdade dentro de si mesmas**.

Portanto, acho que **esse é um dos motivos pelos quais acabei indo nessa direção**. Em um artigo no anuário da Ecole Pratique des Hautes Etudes que escrevi por volta de 1979, eu acho. E basicamente... A razão subjacente era literária, porque percebi que as obras dos filósofos antigos não eram como... Tenho uma frase que estou sempre repetindo, que não é minha, a propósito, e que é de Victor Goldschmidt, o grande especialista em Platão.

Francesca Piolo | 08:30.754

Os diálogos de Platão.

Locutor 2 - 08:31.910

Bem, no início de seu livro sobre os diálogos de Platão, ele diz que **os diálogos não se destinam a... informá-los, mas a formá-los**. Em outras palavras, é **completamente**

absurdo tentar reconstruir o sistema de Platão, por exemplo, mas o que precisamos observar é o movimento do pensamento em cada diálogo, que é basicamente uma tentativa de treinar o interlocutor.

Francesca Piolo | 09:07.313

Para colocá-lo em uma determinada posição.

Pierre Hadot | 09:09.515

É isso aí.

Francesca Piolo | 09:11.976

Eu concordo com o que você disse, Pierre Hadot. A leitura é um exercício espiritual.

"Temos de aprender a ler, o que significa parar, libertar-nos de nossas preocupações, voltar a nós mesmos, deixar de lado nossa busca por originalidade e sutileza, meditar com calma, ruminar, deixar que os textos falem conosco" (Trecho da obra de Hadot).

É outra maneira de ler.

Pierre Hadot | 09:37.393

Sim, naquela ocasião, além disso, citei **Goethe**, que disse que não há nada mais difícil do que aprender a ler, porque ele disse: "Tenho 80 anos e ainda não consigo ler de verdade".

Francesca Piolo | 09:55.646

As pessoas não sabem quanto tempo e esforço são necessários para aprender a ler.
Por que isso é chamado um exercício espiritual?

Pierre Hadot | 10:09.738

Ah, justamente!

Francesca Piolo | 10:10.656

É uma atividade prática, é um trabalho sobre si mesmo, e você até diz: "um cessar de si."

Pierre Hadot | 10:16.921

Sim, sim.

Francesca Piolo | 10:17.484

E por que você o chamou de espiritual? Parece um pouco religioso,

Pierre Hadot | 10:21.086

E não é nada disso. Em primeiro lugar, eu não inventei isso. Em outras palavras, o primeiro exemplo relacionado à antiguidade vem de Jean-Pierre Vernant. Em seu livro "Mythe et pensée grecque" ou algo parecido, ele fala sobre os exercícios de memória que os pitagóricos faziam. Ele usou a palavra "exercício espiritual" com relação a isso. Poderíamos dizer "exercício existencial" porque, nos exercícios de memória, os pitagóricos, pelo menos teoricamente, ou pelo menos é o que dizem, estavam

tentando se lembrar de vidas passadas. Portanto, isso envolvia a vida inteira do indivíduo.

Francesca Piolo | 11:17.840

Sim, toda a psique do indivíduo,

Pierre Hadot | 11:19.466

Isso. Então, espiritual, obviamente, você tem que admitir que tem uma conotação religiosa, mas a palavra é usada, por muito tempo, fora de um contexto religioso. Ainda me lembro de que, depois da guerra, apareceu um livro intitulado Poetry, a Spiritual Exercise [Poesia, um exercício espiritual]. A poesia como um exercício espiritual. E depois, em um texto que me impressionou muito, **Georges Friedman**, em "La puissance et la sagesse" (Poder e Sabedoria), **escreve que todo dia é um exercício espiritual**, e dá exemplos que estão muito na linha do que os filósofos antigos aconselhavam, que é **sair da temporalidade e não buscar a glória**,

Francesca Piolo | 12:16.691

"A vaidade era isso: tomar voo a cada dia, ao menos por um instante — que pode ser breve, desde que seja intenso. A cada dia, um exercício espiritual, sozinho ou na companhia de um homem que também deseje se aprimorar. Exercício espiritual: sair da temporalidade, esforçar-se por despir-se das próprias paixões, das vaidades, do prurido de ruído em torno do seu nome — que, de tempos em tempos, coça como uma enfermidade crônica. Fugir da maledicência, despir-se da piedade e do ódio, amar todos os homens livres, eternizar-se ao superar-se. Esse esforço sobre si é necessário, essa ambição, justa. Numerosos são os que se absorvem inteiramente na política militante, na preparação da revolução social. Raros, muito raros, os que, para preparar a revolução, querem tornar-se dignos dela."

Georges Friedmann, La Puissance et la Sagesse (Gallimard, 1970, p. 359)

Pierre Hadot | 13:06.574

Sim, acho que é um texto muito bonito. E acho que foi esse texto que me deu a impressão de que eu tinha autoridade para usar a expressão espiritual exata. Que, diga-se de passagem, corresponde, na mente de todos, ao famoso exercício espiritual de Santo Inácio. Foi assim durante a Renascença. Mas o próprio Santo Inácio usou a expressão "exercício espiritual", que existia na antiguidade cristã. Ah, sim. E nos primeiros séculos, bem, em uma base diária, a partir do século IV d.C. E quando os monges do século IV falavam de exercício espiritual, eles estavam se referindo a práticas que os filósofos da Antiguidade já haviam praticado. **Muito simplesmente, o autoexame, o escopo da morte, todos os tipos de exercícios que...**

Francesca Piolo | 14:16.914

Você precisa começar com a filosofia antiga.

Pierre Hadot | 14:18.742

Sim, isso é bom.

Francesca Piolo | 14:20.245

Então, a filosofia antiga, os exercícios espirituais, como você os chama, Pierre Hadot, como você os retoma, **são, antes de tudo, sobre aprender a viver.**

Pierre Hadot | 14:29.715

Exatamente, sim.

Francesca Piolo | 14:30.513

Em primeiro lugar, trata-se de aprender a viver. **Para os estoicos, por exemplo, a filosofia é um exercício, uma arte de viver, um modo de vida.**

Pierre Hadot | 14:38.520

Sim, sim.

Francesca Piolo | 14:39.317

É isso aí.

Pierre Hadot | 14:40.770

Então é isso...

Francesca Piolo | 14:42.364

E não apenas seu olhar, mas toda a existência daquele que pratica.

Pierre Hadot | 14:45.817

Sim, sim. Sim, sim. Exatamente. Eu diria que há dois, eu não disse isso no livro, mas estou pensando nisso agora. **Há dois tipos de exercícios na filosofia antiga. Há exercícios de formação interior e exercícios de aplicação prática.** Em outras palavras, **o aprendiz de filósofo tem de treinar a si mesmo e estar preparado para os problemas que surgirão na vida.** Os estoicos eram mal vistos pelos outros porque tinham um exercício espiritual chamado previsão de palavras. Assim, ele, o estoico, pensava, talvez especialmente durante o Império Romano, que os senadores estoicos sempre se arriscavam ao exílio, à prisão, à morte, e recebiam ordens para abrir as próprias veias.

Francesca Piolo | 15:46.700

Era melhor evitar as palavras.

Pierre Hadot | 15:49.122

Sim, e eles tinham de pensar em tudo o que poderia acontecer. Portanto, há duas coisas aqui: uma é que esse exercício existia em toda a Antiguidade, mesmo antes dos estoicos. No teatro de Eurípides, há uma frase em que o herói diz: "*Aprendi com um homem sábio que é preciso pensar com antecedência nas palavras que podem vir porque...*". Nesse momento, você não será tão prejudicado pelo choque porque já se

preparou. Mas os estoicos, de acordo com sua doutrina, consideravam que as palavras nas quais estavam pensando não eram palavras reais. Em outras palavras, o verdadeiro exercício consistia em dizer a si mesmo: "Se eu tiver de ir para o exílio, se tiver de ser torturado pelo tirano, se tiver de morrer, todas essas coisas não são palavras, porque só existe um mal, e essa é a essência do estoicismo, é o mal moral".

Francesca Piolo | 17:06.868

Como uma contrapartida do bem moral.

Pierre Hadot | 17:08.470

Sim, é isso mesmo. É como dizer que, desde que você mesmo não tenha cometido uma injustiça, deve considerar que não sofreu nenhum dano. Portanto, isso parece bastante implausível. Essa doutrina, mas, de qualquer forma, também não é realmente uma invenção dos estoicos, porque está na Apologia de Sócrates, de Platão. **Sócrates diz a seus juízes: "Vocês podem me condenar à morte, mas são vocês que sofrerão, porque cometaram uma injustiça, e eu não posso fazer nada de errado. Porque... Não cometí nenhuma injustiça e acredito que exílio e morte não são palavras."**

Francesca Piolo | 19:24.982

O que você está apontando, Pierre Hadot, é que **há uma inversão total da maneira usual de ver as coisas**. Em outras palavras, **há o bem moral que depende de nós, o mal moral que depende de nós, e tudo o mais é uma cadeia necessária de causa e efeito. Então, do reino da humanidade, passamos para o reino da natureza**. Sim,

Pierre Hadot | 19:47.658

exatamente.

Francesca Piolo | 19:48.471

Esta é uma mudança completa de plano. É um pouco como uma revolução.

Pierre Hadot | 19:52.329

Sim, sim.

Francesca Piolo | 19:53.257

Conversão, o que você chama de conversão.

Pierre Hadot | 19:55.790

Sim, é verdade. Basicamente, **acho que é extremamente importante para o homem estar ciente do que depende dele e do que não depende dele. E se nos torturarmos pelo que não depende de nós, estaremos nos torturando de uma forma absolutamente vazia e sem sentido. E, ao contrário, perceber, por outro lado, que aquilo pelo qual somos responsáveis... Pode ser muito sério, pode ser bom ou ruim. Também é extremamente importante porque, em geral, tendemos a esquecer nossa própria responsabilidade pelos acontecimentos.**

Então, no fundo, para o estoicismo, há, em suma, como que uma espécie de pequena bolha (um espaço interior de liberdade) que é independente do destino — é... aquilo

que nós, nós podemos fazer, e sobretudo aquilo que também pensamos diante dos acontecimentos.

Francesca Piolo | 21:03.774

Em outras palavras, a mudança de visão, a maneira pela qual podemos mudar a forma como vemos as coisas.

Pierre Hadot | 21:07.516

Então, há o famoso ditado de Epiteto: "**Não são as coisas que nos incomodam, são os nossos julgamentos sobre as coisas**". E, infelizmente, isso é muito verdadeiro.

Francesca Piolo | 21:23.926

Mas é isso que encontraremos em praticamente todas as escolas filosóficas, essa ideia de que a principal causa do sofrimento são as paixões, os desejos completamente desordenados, os medos exagerados, as preocupações. Sim, é isso mesmo,

Pierre Hadot | 21:37.211

absolutamente.

Francesca Piolo | 21:38.250

Em todas as escolas, exceto na dos estoicos, eles aprendem bem a distinguir.

Pierre Hadot | 21:42.335

Sim, sim.

Francesca Piolo | 21:43.663

E você dá exercícios, **você dá uma breve descrição dos exercícios espirituais estoicos, você os classificou**, Pierre Hadot. Então, vou retomá-los. **Há a atenção, a meditação, a lembrança do que é bom.** Outro tipo de exercício, **exercícios mais intelectuais, como leitura, audição, pesquisa e exame aprofundado.** Terceiro tipo de exercício espiritual, **exercícios mais ativos, autocontrole, cumprimento dos deveres e indiferença a coisas indiferentes.**

Pierre Hadot | 22:22.210

Sim, sim.

Francesca Piolo | 22:22.962

É assim que você se torna um estoico.

Pierre Hadot | 22:25.503

Sim, e aqui volto ao que estava dizendo antes. **É preciso distinguir entre os exercícios de treinamento.** Dei como exemplo a previsão de palavras, mas **os exercícios de aplicação prática são exatamente os exercícios que você faz quando está com dificuldades.** E nesse ponto, por exemplo, você citou... Indiferença a coisas indiferentes. É aqui que tanto o estoico (como no caso de Sêneca) ou Nero (autoritariamente) ordenam que suas veias sejam cortadas. Ele diz a si mesmo que a

morte é uma coisa indiferente, ou seja, não é boa nem ruim, só é boa ou ruim de acordo com a atitude que terei, de acordo com a maneira como a aceitarei ou não.

Francesca Piolo | 23:19.382

Essa conversão do olhar, que é necessária para os exercícios espirituais — ela **aparece com frequência na história da filosofia**, não é, Pierre Hadot?

Quando você fala de **conversão**, dessa **passagem de um estado em que se está corroído pela preocupação para uma vida mais autêntica**, você diz que isso se vê, por exemplo, no cogito cartesiano, vê-se em Spinoza, no amor intelectual, vê-se na redução fenomenológica, vê-se em Bergson...

Cada vez, trata-se de um olhar sobre o mundo que muda a perspectiva, de certa forma, não?

Pierre Hadot | 23:56.589

Sim, sim.

Francesca Piolo | 23:58.089

É arrancamento e ruptura.

Pierre Hadot | 23:59.886

Com certeza, sim. É, aliás, um fenômeno extremamente... que **pode ser abordado do ponto de vista psicológico, sociológico e filosófico**. Aliás, até mesmo hoje em dia — enfim, não farei alusões —, mas é um fenômeno que pode ser religioso. Há pessoas que, atualmente, se converteram ao ouvirem a pregação de um padre dominicano. E então, é um fenômeno extremamente interessante, porque a questão é: será que se trata realmente de um fenômeno não preparado, absolutamente súbito? Ou, ao contrário, não seria a manifestação de algo que já estava inconscientemente presente há muito tempo — e que vem à tona?

Mas é verdade que, independentemente das questões religiosas — enfim, das conversões religiosas —, **há, na filosofia, um movimento de conversão que geralmente consiste em mudar completamente a visão de mundo**. É verdade, por exemplo — você citou Descartes —, e justamente é um exemplo interessante, porque muitas vezes se afirmou que Descartes era absolutamente moderno, que em Descartes já não havia essa necessidade de formação e transformação do sujeito. **Mas nas Meditações Metafísicas de Descartes** — e só o título já é importante —, ele diz: ‘o que acabo de dizer precisa ser meditado durante várias semanas para que se consiga realmente sair de uma determinada perspectiva e tomar consciência de...’, se trata, na verdade — tanto quanto me lembro —, de tomar consciência da espiritualidade da alma.

É verdade — e você mencionou Spinoza —, mas também... É um pequeno jogo reler Schopenhauer, é extraordinário. **Schopenhauer chama isso, de maneira bastante**

técnica, de contemplação para além do princípio de razão suficiente. Mas o que isso significa? Significa que, em determinado momento, é preciso se desinteressar — enquanto toda a nossa consciência está dominada por interesses vitais, sociais etc., é preciso olhar o mundo, olhar a natureza de maneira completamente desinteressada. E justamente ele diz — e é exatamente a mesma coisa, segundo ele — que **isso equivale ao conhecimento do terceiro gênero em Spinoza.** Nos místicos quebequenses isso também é muito claro: **esse movimento de superação da inteligência rumo à intuição.**

Francesca Piolo | 28:49.616

Para voltar, depois desse parêntese sobre a conversão necessária, um pouco, o olhar, Pierre Hadot, para voltar a esses estóicos, **você diz que, basicamente, o segredo dos exercícios espirituais é a atenção ao momento presente.**

Pierre Hadot | 29:05.047

Sim.

Francesca Piolo | 29:05.352

Isso é muito importante. Em outras palavras, **você precisa se libertar da paixão provocada pelo passado ou pelo futuro.**

Pierre Hadot - 29:14.000

Sim, sim. Aliás, **os epicuristas, praticamente, tinham a mesma atitude.** Ou seja: **o passado, não se pode fazer nada a respeito, e por isso ele só pode provocar remorsos inúteis. Obviamente, se for para tirar uma lição para o futuro, então é algo bom.**

Francesca Piolo | 29:40.691

Sim, como se preparar antes de falar (estoicos).

Pierre Hadot | 29:42.097

por exemplo. Isso é tudo o que há para fazer. Mas, **por outro lado, o futuro, a preocupação com algo que ainda não aconteceu. Isso também é absolutamente inútil. Mas, de fato, é realmente um esforço de conversão. É muito, muito difícil de fazer.**

Francesca Piolo | 30:03.555

Porque o momento presente é exíguo. Ele é pequeno.

Pierre Hadot | 30:06.985

Quero dizer, nesse ponto, **Bergson**, acho que **explicou isso muito bem.** Porque — não me lembro mais em qual livro — mas enfim, **ele explica que o presente... corresponde à duração da nossa atenção e da ação que estamos realizando.** Ou seja, o instante — tal como é geralmente dito — é mal formulado. No fundo, isso é puramente matemático, mas o presente sempre tem uma certa espessura.

E os estoicos já haviam percebido isso. Eles **diziam que o presente tem — inclusive usavam o termo grego plátos** (**πλάτος** = largura) — **uma espessura, uma largura.** Sim, é isso.

Mas o fato é que essa conversão em direção ao presente supõe, de fato, um grande esforço — sobretudo para não pensar no futuro.

Duas pessoas me disseram — uma me falou, outra me escreveu — que não conseguiam compreender, ou melhor, não aceitavam essa ideia que eu havia defendido: que a conversão para o presente é uma espécie de libertação dos modos de tempo possíveis, isto é, do passado e do futuro.

E me disseram: ‘a única coisa que me consola do presente é justamente o pensamento do futuro’. Ou seja, tomam a esperança nesse sentido.

E é perfeitamente legítimo — afinal, a sabedoria popular diz: ‘é a esperança que nos faz viver’.

Mas ainda assim, acredito — bom, há uma fórmula que me fala muito — que, para viver bem (não se trata de felicidade, mas...), para viver de maneira... digamos, apropriada ao tempo, seria preciso viver cada momento como se fosse o primeiro momento... e como se fosse o último.

Francesca Piolo | 32:46.792

Que ginástica não?

Pierre Hadot | 32:48.995

Sim, mas o que quero dizer é que, em primeiro lugar, com relação a... Não fui eu quem inventou isso, mas... **Na antiguidade, tanto Lucrécio, o epicurista, quanto Sêneca, o estoico, diziam que, no fundo, não apreciamos a beleza do mundo porque estamos acostumados a vê-la. E se pudéssemos vê-lo, como se fosse a primeira vez...**

Francesca Piolo | 33:25.262

Ou a última.

Pierre Hadot | 33:26.481

Ou a última. **Teríamos uma visão completamente diferente.** Por outro lado, se disséssemos a nós mesmos que a ação que estou fazendo é a última da minha vida, estaríamos fazendo isso de uma forma mais séria do que se disséssemos que é rotina. Com isso, quero dizer que é uma maneira de nos conscientizarmos da seriedade da vida.

Francesca Piolo | 33:55.258

Mas então, é isso que chamamos de consciência cósmica, não é? É esse interesse.
Sim,

Pierre Hadot | 33:59.522

depois...

Francesca Piolo | 34:00.846

É uma boa palavra para o interesse no valor infinito do momento.

Pierre Hadot | 34:06.630

Sim, absolutamente, sim, sim. É preciso reconhecer que, mais uma vez, na Antiguidade — não foi algo universal, se quiser — mas realmente **encontramos essa ideia... em Marco Aurélio, ou em certas passagens de Sêneca.**

E penso, sobretudo, **que isso também se reencontra, por exemplo, em Schopenhauer, ou em certos textos de Bergson** — com certeza, enfim.

E, nesse sentido, isso é algo de que eu gosto muito.

É preciso dizer que é extremamente complicado, mas **penso também em certos aspectos do pensamento de Heidegger.**

Ou seja, **trata-se de perceber todas as dimensões da existência — quando se consegue.**

Porque é preciso dizer que seria necessário escrever um outro livro só para explicar que **os exercícios espirituais não podem ser vividos o tempo todo.**

A atenção dos estoicos — eles queriam que ela fosse constante — mas justamente... é totalmente normal, aliás, que, quando se tomam resoluções, diga-se a si mesmo: '**Vou manter a atenção o tempo todo', mas na verdade isso é absolutamente impossível.**

Então, da mesma forma, isso é absolutamente impossível — e até perigoso — de...

Francesca Piolo | 35:51.547

O que eles tinham, Pierre Hadot — aquilo que você está explicando — eram máximas que mantinham à mão.

Pierre Hadot | 35:57.232

Sim, sim, exatamente. Para ter algo que nos ajudasse a pensar com clareza. Sim, sim, é isso.

Francesca Piolo | 36:03.077

Porque isso interrompia todos os movimentos de medo ou tristeza.

Pierre Hadot | 36:07.179

Sim,

Francesca Piolo | 36:07.788

Sim. Era o seu sustento interior.

Pierre Hadot | 36:09.084

Ah, sim, sim, sim. Acho que isso é algo absolutamente universal. **Na sabedoria popular, os provérbios desempenham um papel importante. Minha mãe sempre**

dizia: "desgraça do bem, desgraça do nada". É verdade que, quando quebramos algo, podemos nos controlar muito bem.

Francesca Piolo | 36:37.184

Para os filósofos estoicos, significava praticar a vida de forma consciente e livre. E, então, fazer esse exercício, ir além dos limites da individualidade, em essência, tornar-se parte do cosmo, já que o cosmo era animado pela razão. Mas também temos essas máximas no epicurismo, que também é a linha terapêutica do epicurismo.

Pierre Hadot | 37:04.881

Então, mais do que qualquer outra coisa, se você preferir. Talvez sejam até os campeões da terapêutica, porque, antes de mais nada...

Francesca Piolo | 37:15.560

Pela física deles, pela física epicurista.

Pierre Hadot | 37:17.903

Justamente, é isso. Porque **Epicuro dizia que a física não teria nenhum interesse se não permitisse adquirir a paz da alma.** Naturalmente, porque ele considerava que os homens estavam aterrorizados pela multidão dos deuses que, em suas vidas — em primeiro lugar, na vida presente — podiam a qualquer momento intervir com violência; e, em segundo lugar, na vida futura, podiam infligir tormentos espantosos.

Além disso, **havia também o medo da morte.** E, nos dois casos, a física epicurista era destinada a libertar dessas duas angústias. Porque, como diziam os epicuristas, **o universo era eterno, e os mundos — porque havia uma infinidade de mundos — se formavam a partir do entrechoque (por assim dizer) de átomos eternos que se reuniam entre si para formar os corpos.**

Nesse ponto, os deuses — Epicuro os admitia, aliás —, mas os deuses não tinham nenhuma influência sobre o desenrolar dos acontecimentos.

Francesca Piolo | 39:03.792

Os deuses não devem ser temidos, a morte não é um risco.

Pierre Hadot | 39:07.315

É isso, esse é o tetrapharmakos (quádruplo remédio).

Francesca Piolo | 39:10.420

O bem é fácil de adquirir e o mal é fácil de suportar.

Pierre Hadot | 39:14.443

O remédio quádruplo. É claro que, às vezes, parece... Bem, **os deuses não devem ser temidos, nem a morte, porque ele está simplesmente dizendo que... Quando ela está presente,**

Francesca Piolo | 39:36.018

não estamos mais lá, e quando estamos, não está lá.

Pierre Hadot | 39:41.487

E é isso. Mas dizer que, se a dor for intensa, ela não durará muito tempo, talvez seja um pouco otimista mesmo assim. Mas...

Francesca Piolo | 39:58.664

Há, no entanto, uma diferença na meditação entre os estoicos e os epicuristas. Talvez não tenhamos dito que os epicuristas se dirigem aos desejos naturais e recomendam apenas satisfazê-los com moderação.

Mas, acima de tudo, para curar a alma, há tensão nos estoicos, enquanto há relaxamento nos epicuristas.

Locutor 2 - 40:21.885

Sim, isso é...

Francesca Piolo | 40:23.088

É uma diversidade espiritual diferente, então.

Pierre Hadot | 40:26.088

Aliás, pode-se até dizer que as duas filosofias são... há uma filosofia da tensão entre os estoicos e uma filosofia do relaxamento entre os epicuristas.

Quero dizer com isso que, **para os estoicos, os corpos só subsistem porque possuem uma tonos, uma tensão — que é, exatamente, um movimento de diástole e sístole. Ou seja, pressupõe sempre um esforço. Assim, toda a física estoica se explica pelo esforço.**

Enquanto nos epicuristas, os átomos estão separados uns dos outros — eles se agregam, se desagregam, tudo isso — mas não há essa dinâmica, não há esse aspecto de tensão: é uma visão na qual tudo está espalhado, em repouso. E sobretudo — bom, a física em si pouco importa, no fim das contas — mas a atitude deles consiste, no fundo, sempre em buscar o prazer. Só que não um prazer desenfreado, e sim, ao contrário, um prazer estável, como eles dizem — ou seja, um prazer que não esteja misturado com dor.

Francesca Piolo | 41:49.574

Podemos dizer que o prazer, Pierre Hadot, para os epicuristas, é um exercício espiritual?

Interlocutor 2 | 41:54.264

Ah, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim... Bom, eu não diria que... Enfim, sim — é o próprio prazer, sim, na medida em que é preciso saber tomá-lo, acolhê-lo onde ele está.

Ou seja, por exemplo, na amizade, na contemplação do universo também, aliás, e, de fato, na satisfação dos desejos mais elementares — mas sempre com uma recusa total de se deixar arrastar por desejos insaciáveis, como ele dizia.

Francesca Piolo | 42:35.306

É surpreendente ver que os epicuristas também examinavam sua consciência.

Interlocutor 2 | 42:39.533

Ah, sim, sim.

Francesca Piolo | 42:40.010

Uma admissão pública de culpa.

Pierre Hadot | 42:41.619

Sim, sim, isso é realmente desconcertante. Justamente porque **eu acho que eles levavam muito a sério o esforço de... cura, de terapia**. E então — bom, justamente — era uma terapia da alma, e para isso era necessário...

Há inclusive um tratado inteiro sobre a liberdade de palavra — não de Epicuro em pessoa, mas de um epicurista romano — **no qual se explica exatamente como o diretor de consciência, o mestre, deve dizer diretamente ao discípulo o que pensa a respeito de sua conduta.**

E o discípulo também deve falar com total franqueza, sem constrangimento, com o mestre, sobre as dificuldades que enfrenta. Existe de fato — aliás, há um artigo antigo com o título Epicuro como confessor.

Francesca Piolo | 43:45.788

Então, Pierre Hadot, **exercício espiritual é aprender a viver, é também aprender a dialogar.**

Pierre Hadot | 43:51.496

Sim!

Francesca Piolo | 43:51.737

é muito importante.

Pierre Hadot | 43:53.579

Sim, então **você poderia dizer que o diálogo é um exercício espiritual. E isso é acima de tudo platônico. É acima de tudo socrático e platônico.** Porque, no fundo, é isso que muitas vezes percebemos, agora, nós dialogamos muito. Estamos tendo um diálogo. Mas, bem, em todos os lugares, no rádio, na televisão, vemos ou ouvimos diálogos. E **o grande problema é saber se é possível ter um diálogo. Em outras palavras, para poder dialogar, é preciso concordar com as ideias.**

Você pode ter ideias completamente diferentes, mas **precisa concordar com os princípios gerais, que são, por exemplo, que você não pode se contradizer, precisa ser consistente. E é preciso permitir que as outras pessoas se expressem.** Portanto, **isso é algo extremamente difícil de fazer, porque você precisa abrir mão de sua individualidade para se submeter**, por assim dizer.

Ao que Sócrates chamava, nos diálogos de Platão, de logos, ou seja, razão, mas ao mesmo tempo discurso, que... tem suas regras. Que tem suas regras. Você tem de observar as regras do discurso. E essa é obviamente uma escola muito, muito difícil.

Francesca Piolo | 45:43.424

Mas, ainda assim, **o fundamento de todo exercício espiritual em Sócrates é conhecer a si mesmo.** Pierre Hadot, você tem três interpretações possíveis de "conhece-te a ti mesmo".

Ou você se conhece como insensato, mas está no caminho da sabedoria. Sim, essa é uma solução possível. **Ou nos conhecemos em nosso ser essencial, ou nos conhecemos em nosso verdadeiro estado moral¹.**

Pierre Hadot | 46:07.118

Sim.

Francesca Piolo | 46:08.258

Conheça a si mesmo, é um, três ou todos os três?

Pierre Hadot | 46:11.880

Eu acho que **são um pouco as três coisas** mesmo, sim, sim.

¹ Hadot trata dessa tríplice leitura principalmente em *Exercices spirituels et philosophie antique*, retomando diferentes tradições:

Reconhecer-se como ignorante (o caminho socrático clássico)

- É a interpretação socrática por excelência:
Saber que nada se sabe — mas saber disso com lucidez.
- O autoconhecimento não é um ponto de chegada, mas o **ponto de partida de uma busca viva pela sabedoria.**
- Implica **humildade filosófica**, abertura ao logos, disposição a aprender.

Conhecer-se em seu ser essencial (o caminho metafísico)

- Herança platônica e neoplatônica:
- Conhecer-se é recordar-se de sua natureza imortal, racional ou divina.
- Aqui o autoconhecimento é um retorno ao fundamento do ser, à parte eterna em nós, à alma como imagem do Uno ou do Bem.
- Implica um movimento de interiorização e elevação.

Conhecer-se em seu estado moral (o caminho ético-estoico)

- De inspiração estoica e também epicurista:
- Conhecer-se é **saber quais paixões nos dominam**, quais hábitos nos desviam, em que grau de integridade estamos.
- Implica um **exame de consciência**, um trabalho regular sobre si.
- O objetivo é atingir a **coerência entre pensamento e ação**, entre razão e conduta.

Conclusão de Hadot (em seus escritos):

"Essas três formas de autoconhecimento não se excluem, mas se interpenetram."

Saber-se ignorante **desperta a busca**;

conhecer-se em essência **orienta o fim da busca**;

conhecer-se moralmente **situa o ponto presente da alma**.

Porque, no fundo, o conhece-te a ti mesmo não foi inventado por Sócrates — era uma máxima délfica. Sim, é um exemplo. Estava escrita em pedras nas cidades. Na ágora, no mercado, as pessoas podiam ver aquilo — e significava, sobretudo: **conhece os teus limites.**

Limites em relação aos deuses, às potências que não se pode dominar.

Mas, em Sócrates, propriamente dito, **isso não pode ser muito metafísico**. Ou seja, **não pode significar que se vai descobrir as profundezas do ‘eu’ ou a situação do ‘eu’ no cosmos**. Não. Significa, justamente, **tomar consciência das próprias fraquezas**.

Acho que é isso que se encontra no ponto de partida de quase todas as filosofias antigas: é justamente porque se toma consciência do próprio estado que se chega a uma terapia.

Marco Aurélio diz que seu preceptor e diretor de consciência — chamado Rústico — fez com que ele tomasse consciência do estado lamentável de seu caráter.

E eu penso que é sobretudo isso que quer dizer o conhece-te a ti mesmo.

Claro, em metafísicos como Plotino, isso se torna: ‘**conhece-te como espírito’, ‘conhece-te, conhece o teu verdadeiro eu’**. E no fim das contas isso quer dizer: **descobre toda a transcendência que há em ti**.

Descobre-te como... (faz uma pausa) Aliás, já havia uma semente disso em Sócrates, nesse sentido em que ele sempre dizia — embora seja algo muito difícil de explicar — que havia um daimon, um gênio, que o inspirava. E esse daimon era, ao mesmo tempo, o seu verdadeiro eu — o seu eu superior.

Francesca Piolo | 48:49.174

É a mesma coisa que quando se diz ‘cuida de ti mesmo’ — ou seja, é um chamado ao ser. Que reencontramos por trás da ironia socrática, por trás das máscaras de Sócrates — e também em Kierkegaard. Quando falamos de Sócrates, sempre nos sentimos um pouco constrangidos, porque...

Pierre Hadot | 49:09.358

...porque, no fundo, é muito difícil conhecer o Sócrates histórico.

E quando se diz ‘Sócrates disse isso’ ou ‘Sócrates disse aquilo’, na verdade: ou foi Platão que disse isso em nome de Sócrates, ou foi Xenofonte. No livro de Xenofonte, ele escreveu memórias de seus encontros e conversas com Sócrates. Temos, portanto, alguns elementos de conhecimento — mas, no fundo, todos nós vivemos sobre um mito: o mito socrático.

E é muito interessante observar o papel que esse mito desempenhou — por exemplo, em Kierkegaard ou em... Nietzsche

Francesca Piolo | 49:56.867

Nietzsche.

Pierre Hadot | 49:59.575

Que, no fundo, ele tinha um ódio amoroso em relação a si mesmo e a Sócrates.

Francesca Piolo | 50:13.670

Por que Sócrates, que ama a vida, parece odiar a existência?

Pierre Hadot | 50:19.295

sim, é isso mesmo.

Francesca Piolo | 50:21.623

Então, você diz que há toda uma variedade de símbolos dionisíacos em torno de Sócrates, daí a ambivalência de Nietzsche em relação a ele.

Pierre Hadot | 50:28.646

Exatamente, sim. É porque é muito interessante, aliás, ver como Platão escreveu seu diálogo O Banquete, no qual há todo um sistema, uma construção literária, em que, no fim das contas, Sócrates aparece como...

... ao mesmo tempo, a figura do filósofo, a figura de Eros — do amor — e, no fundo, até mesmo a figura de Dioniso. Porque o banquete é uma bebedeira, e Dioniso é o deus do vinho, e, portanto, também é o deus da embriaguez — o que pode ser também a embriaguez mística. É assim, aliás, que Nietzsche o concebe.

Nietzsche percebeu muito bem todas essas camadas da figura de Sócrates no Banquete, e aliás, no conjunto da obra de Platão. E então, por um lado, ele reprova a Sócrates por ter, no fundo, aparentemente reprimido esse aspecto dionisíaco do pensamento grego — e por outro lado... ele descobre, ou melhor, vislumbra que Sócrates ainda assim é uma figura dionisíaca.

E, no fundo, é um pouco a mesma situação no próprio Nietzsche. Porque, de um lado, temos os primeiros livros de Nietzsche — como O Nascimento da Tragédia — que são um verdadeiro elogio à embriaguez dionisíaca. Depois vem toda uma fase que poderíamos chamar de “socrática”, porque é muito... muito intelectualista, crítica. E então, no fim da vida, o oposto: com Zaratustra e a nova exaltação de Dioniso. Esses dois aspectos aparecem no Sócrates de Nietzsche.

Francesca Piolo | 52:52.134

Esse exercício espiritual que é o diálogo — ele é, ainda assim, um exercício dialético, Pierre Hado. Ou seja, também aqui há uma conversão: também aqui se sobe, juntos, rumo à verdade.”

Pierre Hadot | 53:04.150

Sim, sim.

Francesca Piolo | 53:04.947

É isso. Há sempre uma espécie de luta, há sempre uma espécie de combate nesse diálogo aí. Aliás, Sócrates recorre à simulação, à astúcia, à máscara — como você diz. É um itinerário — o termo que você usa — é um itinerário do espírito rumo ao divino.

Pierre Hadot | 53:21.587

Sim, especialmente Platão.

Francesca Piolo | 53:25.078

Você vê alguma diferença entre o diálogo socrático e o diálogo platônico?

Pierre Hadot | 53:30.999

Ah, sim, sim, sim. O objetivo do diálogo socrático é fazer com que o indivíduo duvide de si mesmo, ou seja, fazer com que ele perceba que não é coerente consigo mesmo.

Francesca Piolo | 53:51.459

Trata-se de fazer com que ele entenda a si mesmo.

Pierre Hadot | 53:52.821

Sim, é isso. E é só isso — mas, do ponto de vista existencial, isso tem grandes consequências.

Porque depois, o indivíduo já não sabe mais onde está — ele começa a refletir, e talvez... talvez ele mude de vida.

Mas o diálogo socrático — o diálogo platônico — tem, ainda assim, outras perspectivas.

Note que os diálogos platônicos são extremamente variados.

Porque, por exemplo, o **Parmênides** — eu, pessoalmente, considero que é realmente um exercício puramente intelectual. É realmente muito abstrato.

Mas um diálogo como O Banquete, ou um diálogo como o Teeteto... aí sim, são realmente dialéticos — no sentido em que você usou a palavra.

Francesca Piolo | 54:50.641

Pierre Hadot, o último exercício espiritual: em última análise, a filosofia é um exercício espiritual para aprender a morrer.

Pierre Hadot | 54:58.848

Sim. Mas aí, é algo ainda ambíguo, nesse sentido...

Francesca Piolo | 55:02.661

Mas em Platão — e isso se reencontra em toda a filosofia ocidental, como você mesmo diz — em Epicuro, em Heidegger... tudo isso foi retomado.

Pierre Hadot | 55:11.268

Sim. Então, em Platão, é... mais uma vez, estamos diante de uma fórmula que talvez tenha assumido todas as tonalidades possíveis.

Quer dizer, **em Platão, na verdade, não se trata tanto da morte que vai interromper nossa vida — mas sim da morte como separação da alma e do corpo.**

E aprender a morrer, exercitar-se na morte, é na verdade exercitar-se na separação da alma e do corpo — ou seja, no fundo, é se...

Francesca Piolo | 55:53.407

É morrer para suas paixões,

Pierre Hadot | 55:54.954

... morrer para o próprio interesse. E até mesmo — há também um aspecto intelectual — **morrer para as evidências sensíveis, a fim de acolher a Ideia, com I maiúsculo, ou seja, as formas eternas.**

Francesca Piolo | 56:13.435

O exercício espiritual, para você, Pierre Hadot, é o aprendizado da lucidez, nesse caso, não é?

Pierre Hadot | 56:19.341

Sim. **Isso**, eu diria, **está presente em todas as tradições.** Agora, o que acabo de descrever sobre Platão é algo bastante particular, já que se trata de um exercício de separação da alma e do corpo

Francesca Piolo | 56:34.539

E de contemplação da totalidade.

Pierre Hadot | 56:36.679

Exato, sim. Enquanto, por exemplo, **em Epicuro, o exercício em relação à morte visa, sobretudo, a aproveitar bem a vida.** É aquele célebre **carpe diem** de Horácio: ‘colha o dia de hoje, sem confiar no amanhã’.

Já em Sêneca, por exemplo, ele diz que aquele que aprendeu a morrer não é mais um escravo — ou seja, ele não teme mais os tiranos nem os imperadores, pois conquistou a força da alma.

Em Montaigne, essa visão é mais próxima do epicurismo. E em Heidegger, trata-se antes de tomar consciência — não digo do mistério, mas do fato bruto da existência. É aí que entra a palavra que você usou muito bem: lucidez.

Francesca Piolo | 57:49.704

E há outros... **Por trás de todos esses meios e fins, há uma certa unidade.**

Pierre Hadot | 57:57.892

Sim, é isso mesmo.

Francesca Piolo | 57:58.974

Há maneiras, você diz, técnicas, retóricas, dialéticas, em outras palavras, técnicas de persuasão.

Pierre Hadot | 58:06.079

Sim, sim.

Francesca Piolo | 58:06.837

E depois, no final, que é o aprimoramento, a autorrealização.

Pierre Hadot | 58:11.790

Sim, com certeza.

Francesca Piolo | 58:12.588

Isso quer dizer que todos esses filósofos — sejam estoicos, epicuristas, talvez até os cínicos, e até mesmo os filósofos contemporâneos — todos eles **acreditam na liberdade da vontade. E é isso que está no cerne do exercício espiritual, certo?**

Pierre Hadot | 58:26.653

Exatamente. **Mesmo aqueles, como os estoicos, que acreditam que tudo está determinado, admitem que o ser humano é livre — livre ao menos para escolher sua atitude diante do destino.**

Eu acho que aí reside justamente o conflito entre a necessidade (seja ela o destino, seja a vontade de Deus — essas duas forças que exercem influência sobre nós) e a liberdade.

E essa liberdade, a meu ver, não é algo que possa ser resolvido teoricamente. Não acho que se possa encontrar uma solução racional que explique como essas duas coisas — destino e liberdade — se conciliam, se ajustam entre si.

Na minha visão, é preciso manter as duas pontas da corrente: por um lado, tudo o que se possa dizer, ainda assim temos a experiência da liberdade.

Mesmo quando se afirma que há algo em nós, no inconsciente, que nos empurra a fazer isso ou aquilo, ainda assim há situações em que, de fato — o povo simples nota isso — ficamos espantados ao ver que tal pessoa agiu de certa forma.

Portanto, acho que temos, sim, uma experiência real da liberdade, e também uma experiência do destino. E isso basta. É isso que importa.

Francesca Piolo | 60:38.890

Resta-nos moldar a nossa própria condição

Pierre Hadot | 60:41.554

Voilà.

Francesca Piolo | 60:42.516

Mas, Pierre Hadot, eu queria saber uma coisa: **em que momento a filosofia deixou de ser vivida como um trabalho de si sobre si?** Porque **vemos claramente todos esses exercícios espirituais nas filosofias antigas... Houve um momento em que isso se perdeu, em que deixou de ser...**

Pierre Hadot | 60:55.062

Sim, então... justamente, **como eu dizia há pouco, muitos afirmam que isso teria ocorrido na época de Descartes.**

Francesca Piolo | 61:00.199

Foi Foucault quem disse isso.

Pierre Hadot | 61:01.559

Sim, mas na verdade, eu penso que houve uma outra fase decisiva: o cristianismo.

Francesca Piolo | 61:14.479

Quando a filosofia se tornou serva da teologia?

Pierre Hadot | 61:16.558

Exatamente. O cristianismo teve essa influência porque os famosos exercícios espirituais passaram a não ser mais praticados dentro da filosofia, por assim dizer. Eles passaram a ser exercidos na vida cristã — e, portanto, numa perspectiva teológica.

Porque todo o vocabulário da “espiritualidade”, para os cristãos, faz parte da teologia. É, no fundo, aquilo que conduz à vida mística.

Então, na Idade Média, pensadores como Tomás de Aquino utilizaram a filosofia antiga de modo puramente abstrato — como um instrumento de raciocínio lógico para resolver problemas dogmáticos.

Por exemplo, na crença da transubstancialização — do pão se tornar o corpo de Cristo —, tratava-se de definir a noção de “substância”, recorrendo à noção aristotélica.

Ou, no caso da divindade de Cristo, era preciso definir a noção de “natureza”.

Reutilizavam-se, portanto, conceitos aristotélicos.

Mas tudo isso fazia com que a filosofia servisse somente para isso.

E, quando a Idade Média terminou, a filosofia passou a ser considerada apenas uma ciência teórica, lógica, dialética, abstrata.

Francesca Piolo | 62:58.605

Então, todos esses exercícios espirituais... você concorda com essa ideia de Foucault, Pierre Hadot, de que isso seria uma “cultura de si”, uma espécie de filosofia como estética da existência?

Pierre Hadot | 63:10.600

Ah, bem, você me faz essa pergunta porque sabe que eu vou dizer “não”.

Sim, sim... não, porque eu acho que, **na perspectiva de Foucault, há...**

Francesca Piolo | 63:29.943

Prazer, mas não sabedoria.

Pierre Hadot | 63:32.125

Sim, primeiramente isso. E, de fato, penso que é uma maneira de tentar reintroduzir uma ética — digamos assim — sem obrigação nem sanção, sem imperativo categórico, sem...

No fundo... a “estética da existência”, como ele propõe, é algo que me parece mais ou menos uma...

Francesca Piolo | 64:03.480

Uma transformação, uma transfiguração, como você mesmo diz...

Pierre Hadot | 64:06.726

Sim.

Francesca Piolo | 64:07.741

Em vez de uma estética da existência.

Pierre Hadot | 64:09.765

Sim, sim. Justamente, eu queria dizer que a “estética da existência” é uma atitude de dândi — ou seja, uma elegância, não apenas nas roupas, mas também no modo de viver. Ao passo que...

Francesca Piolo | 64:29.883

O exercício espiritual é outra coisa.

Pierre Hadot | 64:33.008

Ah, sim, absolutamente, sim, sim. E sobretudo — e aqui volto sempre a um ponto que me é muito caro — é que, em Foucault, tudo aquilo que diz respeito à relação com a natureza (que por exemplo Merleau-Ponty valorizava enormemente, assim como alguns escritores mais recentes — li que Marcel Conche escreveu sobre isso em Présence de la nature)... em Foucault, isso está totalmente ausente. E creio que isso é algo extremamente grave, porque o ser humano acaba sendo reduzido a quase nada.

Francesca Piolo | 65:18.620

Pierre Hadot, **você afirma que o homem moderno pode praticar os exercícios espirituais filosóficos da Antiguidade, separando-os do discurso filosófico e doutrinal que os acompanhava.**

Mas então, ele encontrará ali a paz da alma, já que é isso que é a sabedoria; encontrará ali a consciência cósmica, encontrará ali a liberdade interior.

Mas... o que é a “consciência cósmica” para o homem de hoje, Pierre Hadot?

Pierre Hadot | 65:46.610

Sim, então, eu acho que para o homem de hoje... que tem os meios, que dispõe de todo o saber — ou melhor, que não o possui necessariamente, mas tem acesso à comunicação do saber científico — temos agora uma perspectiva totalmente nova. Quero dizer que fiquei muito impressionado com algumas observações nos livros de Hubert Reeves, por exemplo. Ele relata uma experiência muito simples: olhar Saturno através de um telescópio. Algo extremamente simples. E, no entanto, ele conta que isso provocou nas pessoas que passaram por essa experiência uma emoção... algo absolutamente extraordinário.

E, além disso, penso também em cientistas como Jean Rostand, enfim — certamente há muitos outros que nem conheço. Mas há um exemplo gigantesco, que é Einstein. **Einstein falou de uma religiosidade cósmica, mas que não admite um Deus que recompensa ou que intervém nos assuntos humanos, nada disso.**
É um Deus que, no fundo, se confunde mais ou menos com a própria natureza.

E então... sim, ele usou essa expressão, religiosidade cósmica. Com a nuance de que, **para Einstein, há um acento muito claro sobre o caráter racional e quase intelectual do universo.**

Ele é tocado, principalmente, por esse aspecto da regularidade — mais do que, por exemplo, pelo infinito ou pela grandiosidade.